

---

## OS IRMÃOS DE HERMES TRISMEGISTO: CRÍTICA À PERMANÊNCIA DA PERSPECTIVA ANTROPOCÊNTRICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS

---

**Tiago Azevedo Pereira<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar críticas e reflexões sobre o mantimento do discurso antropocêntrico nas diferentes esferas de produção do conhecimento dentro da sociedade ocidental predominante atualmente, dentro de instituições como a família, a escola, congregações religiosas etc., dando ênfase ao desenvolvimento das ciências, o saber construído e os efeitos determinantes para a formação dos sujeitos refletindo o caráter equivocado da perspectiva em questão e do tratamento fundamentado em tal que atribui-se ao entorno. Para o desenrolar da seção de discussão aqui apresentada fez-se uso de conceitos de diferentes projeções do conhecimento encontrado até os dias de hoje, de Dawkins (2007) a Freire (2022), de Bernard (1979) a Ramos (2008) e Piaget (1998). Elaborou-se, também, uma breve reinterpretação da imagem de Hermes Trismegisto, símbolo matriz para a filosofia hermética, a fim de ser apresentada uma proposta de intervenção sobre o antropocentrismo e seus efeitos a partir de movimentações culturais radicais.

**Palavras-chave:** Antropocentrismo; Educação; Perspectiva; Hermes; Conhecimento.

### HERMES TRISMEGISTO'S BROTHERS: CRITIQUE TO THE PERMANENCE OF THE ANTHROPOCENTRIC PERSPECTIVE IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN THE SCIENCES

**Abstract:** This work aims to present criticisms and reflections on the maintenance of the anthropocentric discourse in the different spheres of knowledge production within the currently predominant western society, within institutions such as the family, the school, religious congregations etc., emphasizing the development of the sciences, constructed knowledge and the determining effects for the formation of subjects, reflecting the mistaken character of the perspective in question and the treatment based on such that is attributed to the environment. For the development of the discussion section presented here, concepts from different projections of knowledge found until today were used, from Dawkins (2007) to Freire (2022), from Bernard (1979) to Ramos (2008) and Piaget (1998). A brief reinterpretation of the image of Hermes Trismegistus, matrix symbol for the hermetic philosophy, was also elaborated, in order to present a proposal for intervention by radical culture movements on anthropocentrism and its effects.

**Keywords:** Anthropocentrism; Education; Perspective; Hermes; Knowledge.

---

<sup>1</sup> Graduando da Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [tiago.azevedo@gmail.com](mailto:tiago.azevedo@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6632-8530>.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo a provocação do debate da permanência do discurso antropocêntrico dentro das salas de aula, por meio do processo pedagógico, apresentando perspectivas, ideias, visões, pontos de convergência de diferentes temáticas e esferas de discussão com o tema proposto. Problematizando o antropocentrismo, o manuscrito a seguir desenvolve reflexões acerca dos efeitos de tal perspectiva para com a legitimação de práticas equivocadas sobre as plantas, os animais, o meio ambiente, a ciência, o processo de ensino-aprendizagem, enfim, sobre o ser humano.

A partir desta investida, foi sintetizada uma realocação de ideias para apresentar uma hipótese de correlação vital entre cegueira botânica, pseudociências, educação bancária, passividade social frente a desafios referentes ao meio ambiente, antropocentrismo e, afinal, uma visão potencialmente equivocada (e não necessariamente errada) sobre a realidade onde estamos todos inseridos. Este apresenta, também, uma redesignação superficial do símbolo mitológico de Hermes Trismegisto a fim de inserir uma nova interpretação acerca do estabelecimento dos seres humanos em uma condição tão peculiar (mas não ímpar, muito menos exclusiva) em meio a natureza: a condição de organismos capazes de conduzirem a investigação de sua existência por meio de métodos e linguagens próprios, de uma ciência própria.

## 2 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento da discussão aqui apresentada, juntamente dos pontos de reflexão levantados, foi realizada uma atividade de revisão bibliográfica e análise de material acerca dos pontos convergentes tidos como convenientes de serem alocados no presente trabalho, trazendo consigo uma pesquisa qualitativa, exploratória e experimental (GIL, 2008). Para isto, foi utilizada a idealização da estabilidade proposta por Dawkins (2007), enriquecido pelo trabalho de Bernard (1979) no aspecto físico-químico da discussão, pelas obras de Freire (2022) e seus estudos sobre a pedagogia e o processo de ensino-aprendizagem, Piaget (1998) e a cognição humana, Menestrina (2014) com reforço prático da teoria piagetiana, Freud (2019) e a constância da psique humana e Ramos (2008) e seus conceitos de família como o principal legitimador cultural de práticas sociais. Foram abordadas, também, a proposição feita por Marx (1983) quanto ao processo científico e tópicos para discussão pontuando reflexos práticos do objeto alvo da análise como, por exemplo os zoológicos/criadouros pela perspectiva de Maués (2019), a cegueira botânica pela colaboração de Neves (2019) e o reconhecimento dos direitos do meio ambiente como movimento contracultura no Equador e Bolívia, trazido ao texto por meio de Abreu (2013) e Silva (2017).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma busca curiosa, ingênua, sistemática, ou de qualquer outra essência, por diferentes interpretações da realidade, podemos nos deparar com a imagem de Hermes Trismegisto, a figura central da vertente filosófica hermética, e encontrar nela aspectos que podem ser associados ao processo científico constantemente definido pelos seres humanos. Apesar de seu caráter fictício, Hermes Trismegisto se apresenta como um símbolo que, dentre inúmeras interpretações, a de antagonista do pensamento antropocêntrico é a mais conveniente de se aplicar durante a presente discussão.

Hermes Trismegisto é uma figura mitológica que se estabelece a partir da coincidência cultural de Hermes, deus grego, e Tote, deus egípcio concebido pelo mítico povo Naacal (LE PLONGEON, 1900). Ambos são representados pelas respectivas construções como os intermediários do contato entre o divino e o humano, o elo de comunicação entre os deuses e os meros mortais, e são unidos para formarem a imagem que define a fundação para a filosofia hermética. Hermes é tido como o autor de obras como as Leis Herméticas, o Caibalion e a Tábua de Esmeralda. O último apresenta o fundamento para a Alquimia, uma pseudociência que, assim como as demais, até dado nível, apresenta valor significativo para o desenvolvimento dos humanos e para as ciências propriamente ditas. Afinal, a astronomia assumiria diferente desenvolvimento se não fosse alcançada inicialmente pelo contato dos humanos com o céu por meio da astrologia, por exemplo. Foi este o caminho que percorreu: cativada e impulsionada por uma pseudociência, por uma crença sem fundamentos materiais suficientes para poder ser refutada. Apesar da rejeição a tal hipótese, algumas personalidades como Isaac Newton são sustentadas pela adesão à linha hermética do pensamento (HANEGRAAFF, 2012).

Interpretações podem sugerir que, por se tratar do “comunicador dos deuses”, Hermes assume uma posição alheia ao discernimento humano, algo que não poderíamos ter conhecimento integral sobre, ou até que se trata de um fator parte da nossa suposta criação. Ao refletir sobre as proposições antropocêntricas que temos alocado ao conhecimento desenvolvido, arrisco dizer que esta figura não deveria se tratar de algo divino, de modo literal, menos ainda como um dado que não podemos ter acesso por completo. Pelo contrário: seus atributos o tornam diretamente semelhante a uma etapa do desenvolvimento humano, uma peculiaridade, um aspecto – o de se expressar a partir de indagações e de se espelhar nelas. A exclusividade e particularidade que os seres humanos enxergam como parte constituinte da sua essência de progenitores de inúmeros deuses responsáveis pela geração de tudo e todos (como em um ciclo) também pode ser questionada, e é nesta prática em específico que a discussão aqui apresentada se baseia.

A natureza ímpar dos seres humanos é uma hipótese que se desenvolve a partir da necessidade pela estabilidade que o desenrolar da evolução exige que atendamos. Esta continuidade

se trata do objeto principal que a tendência da seleção natural permeia e se trata da condição a ser conquistada por todos os corpos, biológicos ou não (DAWKINS, 2007). Os átomos, os ácidos, as aminas, os álcoois, as moléculas, os aminoácidos, as proteínas, as células etc. são elementos devidamente filtrados por sua estabilidade, pela permanência da sua existência na natureza. O processo de seleção natural, dispondo de matéria e tempo para “experimentação”, é a razão pela qual moléculas muito específicas são precisamente selecionadas para darem continuidade ao mantimento de um corpo no ambiente. Até então, dispusemos de recursos suficientes para que isso pudesse acontecer.

Tendo em vista a exigência que a natureza nos apresenta pela estabilidade geral do organismo, é evidente que a demanda não estaria sendo aplicada apenas ao tido como “fisiológico”, manifestando-se a partir da fome, da sede, da dor etc., caso consideremos aqui a dicotomia do corpo humano como seccionado em uma parcela física e uma mental, a parcela “orgânica” e a “alma”, se nos permitirmos chamá-las assim. O desenvolvimento de uma organização relativamente estável para o controle deste corpo enquanto apresentando mutualismo com um sistema nervoso, por exemplo, é identificado quando notamos um padrão na maneira com que organismos vivos reagem a elementos constantes. A definição de um “controle automático” do sistema nervoso por meio do recolhimento de informações a partir da memória, pela percepção histórica do ambiente, e dos sentidos na atualidade, pela percepção atual do ambiente, é um exemplo de ilustração do conceito de consistência aqui apresentado. A estabilidade como uma tendência psicológica se manifesta por meio de alterações no aspecto rotineiro do sistema nervoso do organismo e pode ser ilustrada pelo reviver de um determinado evento traumático a partir de lembranças, sonhos, respostas a estímulos externos etc. Na psicanálise, encontramos a formulação da hipótese de que o constante convívio (direto ou não) com os elementos que remetem os humanos a um trauma se trata da tentativa de o psicológico promover ao restante do corpo participação em um cenário onde aquele evento traumatizante se trata de algo comum, normal, recorrente, até que o ser deixe de interpretá-lo como um acontecimento que promoveu o abalo de sua consistência (FREUD, 2019). Desta forma, o ser encontra-se em um outro ambiente estável, aquele onde o antes tido como absurdo assume caráter de continuidade, parte do cotidiano.

O desenvolvimento da cognição de crianças, estudado por Jean Piaget, propõe uma outra maneira pela qual a estabilidade está associada à formação psicológica dos seres humanos: como um objeto cujo almejo também se manifesta de modo constante, quando, por exemplo, o ser assegura-se a convicções que se alocam, muito sutilmente, no fundamento nervoso de seu corpo. Perspectivas baseadas em padrões e ideias alinhadas aos nossos conhecimentos prévios, que não promovem uma ruptura àquilo que sabemos, também são objetos que apresentam elevada taxa de acolhimento pelos organismos. No trabalho realizado por Menestrina (2014), nos são dispostos os

resultados de sua tentativa de reproduzir e evidenciar, mais uma vez, a teoria piagetiana da cognição humana (PIAGET, 1998) com a realização de experimentos sobre a conservação de aspectos do objeto (conservação da grandeza, da textura, da forma etc.). Menestrina apresenta provas do que aqui está sendo proposto: os seres humanos, como seres biológicos, vivos, apresentam tendências à repetição enquanto assumem determinado conhecimento sobre os padrões dispostos, seja por objetos abstratos como o já mencionado alinhamento de ideias e interpretações, seja por aqueles mais concretos como, por exemplo, cabendo o relato de experiência a seguir, o trajeto até a urna de votação durante eleições políticas. Frequentemente os mesários identificam eleitores que se encontram na seguinte condição: indivíduos que não sabem ler nem escrever, que sequer lembram o número de identificação da seção onde devem exercer seu voto, mas que, graças à contínua e repetitiva prática do movimento em direção à sala, ainda se lembram de qual caminho percorreram no último, penúltimo e antepenúltimo período eleitoral, e que deverão percorrer a seguir para atingir seu objetivo. Desta forma, qualquer que seja a modificação realizada na disposição das seções sem aviso prévio aos eleitores configura uma das possíveis causas para uma crise no andamento do ato da votação, um rompimento com a constância adquirida por eles quanto a este aspecto de suas vidas com o passar dos anos.

Sendo a família a instituição de maior valor para a formação de um indivíduo, fundamental para o desenvolvimento social (RAMOS, 2008), ela é disposta como o principal elemento de guia para o estabelecimento deste em um meio, como a principal via de legitimação cultural do sujeito. Assumindo o caráter da prática de criação parental predominante na cultura ocidental, calcada majoritariamente em fundamentos religiosos e culturais de essência antropocêntrica, podemos identificar a maneira com que o alinhamento de ideias e perspectivas configura a estabilidade almejada pelos indivíduos que se desenvolvem a partir das novas gerações. Neste cenário, desde cedo somos capazes de atribuir aos nossos pais a substância de seres existentes apenas para nos fornecerem segurança, apoio ou alimento, como se fossemos um ponto o qual tudo permeia ao entorno, e para criação da dependência praticamente vital pela relação com eles, como podemos identificar no relato de Freud sobre uma criança que ele esteve acompanhando durante uma fase traumatizante da vida dela relacionada aos seus responsáveis e sua ausência involuntária (FREUD, 2019). As concepções prévias que atribuímos às plantas, aos animais domésticos e aos brinquedos reforçam essa ideia. A maneira inconsequente com que um recém-nascido pode agir com um animal de estimação ou um brinquedo pode definir a ideia de que são tidos, em um primeiro contato, apenas como objetos que servem à nossa curiosidade e que devem responder às nossas perguntas. De modo não muito diferente, graças à cegueira botânica (NEVES, 2019), as plantas frequentemente são percebidas (quando o são) de maneira equivocada, como meros elementos que nos fornecem uma sombra em dias quentes, alimentos frescos ou itens de decoração de um

ambiente quando optamos por intensificarmos nosso contato com o que é tido como tendo sido “criado para nós”. Apoiadas pela perspectiva antropocêntrica, as abordagens que apresentamos “cegamente” quanto às plantas e demais seres vivos frequentemente refletem em objetos de elevada relevância para a constituição de uma sociedade como, por exemplo, no meio cultural (e, ainda persistentemente, econômico) com os zoológicos/criadouros (MAUÉS, 2019) e no pensamento jurídico-ambiental, onde encontramos discussões acerca de documentos, leis, constituições que determinam o desenrolar da atividade social fundada em critérios de análise do meio ambiente pelo antropocentrismo, ecocentrismo ou holismo (ABREU, 2013) e movimentos revolucionários quanto a permanência de tais elementos, tal qual o reconhecimento dos direitos do meio ambiente e a aplicação jurídica da filosofia nativa andina de Pacha Mama (SILVA, 2017), *sumak kawsay*, ou *Vivir Bien*.

O estabelecer de uma perspectiva antropocêntrica calcada na criação dos seres humanos por uma entidade superior apresenta-se como um empecilho quando aplicada ao que podemos ter conhecimento tendo em vista que, naturalmente, ela se manifestaria aplicando limites entre o que podemos conhecer e o que não podemos. Assim sendo, delimitamos o conhecimento a partir de uma ideia, assumindo (mesmo que por uma ilusão) com maior facilidade a tão almejada estabilidade ao determos tudo aquilo que nos é concebível dentro destes limites e nos impedindo de avançarmos na investigação integral da realidade, afundados em perguntas até então sem respostas fundamentadas por completo no mundo material. Caso os dados da aparência e da essência de um objeto coincidissem de imediato, a investigação desencadeada pela ciência não teria qualquer valor (MARX, 1983). Tal afirmação entra em atrito com a concepção idealista da perspectiva antropocêntrica e criacionista sobre a realidade ao nosso entorno tendo em vista o que implica a atribuição de um caráter inumano aos fundamentos da nossa existência: a ciência não pode ser aplicada por completo de maneira eficaz ao percebermos que há um limite onde devemos ficar estagnados, sem mais um passo adiante. Com a ciência não apresentando determinada relevância para o desenvolvimento humano, passa a perder o seu valor<sup>2</sup>, passa a ser refém, por exemplo, de investidas pseudocientíficas, deteriorando sua integridade, como no episódio estadunidense na década de oitenta, o caso de *Edwards vs. Aguillard*<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O processo científico tem sofrido inúmeras interferências cuja natureza atua na tentativa de descontinuar a existência plena dele em diferentes esferas da sociedade. As investidas, claramente, não surgem apenas de ações iniciadas diretamente a partir de uma perspectiva antropocêntrica e criacionista. Há muito identificamos a cultura do desmonte da ciência seguindo interesses das mais variadas naturezas, com ênfase no interesse econômico instaurado e mantido pela ideologia dominante do sistema econômico vigente. A luta contra a redução do investimento em educação, na pesquisa, na formação de seres humanos (cientistas, pensadores, educadores, educandos etc.), boicotes, financiamento de pseudociências etc., são exemplos simples para ilustrar a forma com que a ciência de qualidade (e de base, de pesquisas básicas e aplicadas) se apresenta como um ato de contracultura.

<sup>3</sup> Em 1987, o caso jurídico *Edwards v. Aguillard* tratou de desenrolar o atrito existente entre os dois lados da discussão

Durante muitos anos a ciência brasileira apresentou passividade perante a ascensão das pseudociências sobre a população nacional e isso se deu principalmente, dentre diferentes fatores, de maiores e menores magnitudes, a partir da ineficiência com que os nomes que compunham a comunidade se manifestaram em relação ao seu avanço. A tal ineficiência não se deve a uma incompetência da comunidade científica ou algo semelhante, apesar dos casos isolados. As pseudociências se infiltraram e se infiltram de maneira radical e significativa no repertório da parcela da sociedade alheia (e, algumas vezes, pertencente) àquela acometida pelo desenrolar da comunicação realmente eficiente de si com a academia e com a produção do conhecimento científico. O pequeno grau de discernimento da sociedade em um geral acerca da maneira com que a ciência é produzida fornece à indústria uma vasta gama de abordagens para tratar da desinformação, explorá-la, e lucrar por interesses religiosos, políticos e econômicos num cenário incondicional (pelo menos à primeira vista) imposto e mantido pela ideologia dominante a partir de ferramentas como, por exemplo, a educação bancária (FREIRE, 2022) e a ética protestante ascética (WEBER, 2013). Deste modo, a comunicação precária da academia com a sociedade não é um fato isolado, não atua de forma independente colaborando com a desinformação e a destituição da criticidade de uma população. Interesses mantidos e promovidos pela ideologia dominante são os responsáveis por acometerem a sociedade com males de tal natureza por meios como, por exemplo, a seletividade quanto a projetos a serem financiados nas universidades e o desestímulo de pesquisas básicas, formação de profissionais da academia seguindo determinados padrões, fragmentação e apagamento da ciência de base (aquela produzida pelo povo e para o povo) etc. A política de um Estado burguês, não de apenas um ou outro governante, é a causa para a definição de uma sociedade responsável por estabelecer e proliferar os planos e as ideias desenvolvidas por aqueles que possuem em suas mãos o poder de produção do conhecimento, da formação dos outros sujeitos.

Com o desenvolvimento da ideia equivocada sobre a maneira com que a ciência atua produzindo o conhecimento, a formação daqueles que reproduzirão a educação formalizada, a pedagogia, dentro das salas de aula, também se torna comprometida pelo pensamento antropocêntrico. Educadores e/ou educandos que assumem a posição de transmissores do conhecimento (FREIRE, 2022) em um cenário sistematizado de ensino-aprendizagem reafirmam tal proposta, como se houvesse determinada hierarquia a ser seguida por aqueles que se sentam em cadeiras enfileiradas obedecendo as ordens de silêncio de uma pessoa em pé a sua frente. O orador assume a condição daquele que aparentemente detêm todo o conhecimento, a condição de que não há nenhum objeto a ser refutado, reformulado ou sujeito de uma hipótese, enfim, a condição

---

sobre o ensino do criacionismo nas aulas de ciências em escolas dos Estados Unidos. Apesar de o resultado de tal conflito ter sido a proibição da prática, as parcelas reacionárias à decisão, a partir de seu descontentamento, reformularam sua investida: apostaram na tentativa da aplicação da conceituação do “*design* inteligente”, um tal de criacionismo em roupa disfarçada de caráter científico.

daquele que, a partir da aquisição de seu diploma ou qualquer outro suposto título de autoridade, e perante uma provocação desestabilizante, assume o discurso representado pela ideia de “sabe com quem está falando?” (FREIRE, 2022).

Ao analisarmos a realidade por uma perspectiva materialista, baseada em imagens apresentadas pelos objetos, identificamos elementos que justificam a ideia dos seres humanos como parte constituinte do processo de desenvolvimento da natureza, mas não sustentam a suposta exclusividade que a raça humana apresentaria sobre os demais aspectos do mundo objetivo como sendo, por exemplo, a finalidade pela qual esse processo se dá. Na escala microscópica, celular, molecular, os organismos em um geral são nada mais que maquinários desenvolvidos pela expressão gênica para que a reprodução e duplicação do material genético seja estabelecido da maneira mais segura possível no ambiente, a partir da seleção natural e o processo evolutivo (DAWKINS, 2007). A constituição química do organismo humano não se destaca em relação aos demais seres-vivos (e não vivos, como as partículas virais). Essencialmente, o material genético disposto pelo espectro dos menos até os mais estruturalmente complexos sistemas biológicos se manifesta com forma e conteúdo constante. Bases purínicas (adenina e guanina) e pirimidínicas (citosina, timina e uracila), juntamente de resíduos de açúcar e ácido fosfórico, são os blocos de construção da sequência genética responsável por estabelecer a estrutura do maquinário gerenciado e configurado por esta (BERNARD, 1979). De modo semelhante, a biologia do comportamento humano não se estabelece de forma ímpar a de seres menos ou mais complexos ou pertencentes a linhagens de um desenvolvimento diferente. Interações ecológicas como a criação parental, o altruísmo (ou uma forma mais requintada do egoísmo<sup>4</sup>, se for conveniente provocar) entre indivíduos de uma mesma espécie, estabelecimento de uma ordem social, desenvolvimento de determinados meios de comunicação; nada disso é de natureza exclusiva dos seres humanos. A análise sobre os aspectos básicos conhecidos sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças, por exemplo, nos apresenta as semelhanças com os padrões de repetição identificados em outras espécies. De forma alguma a intenção aqui é reduzir o grau de definição e peculiaridade dos humanos perante os demais organismos ao nosso entorno. O que está sendo apresentado é a natureza química e biológica de um ou outro elemento, parte dos seres, tratar-se de um dado comum entre estes, dado comum que representa a constituição mais fundamental dos seres vivos como a conhecemos atualmente.

O diferencial que os seres humanos têm apresentado durante as mais recentes etapas do seu desenvolvimento a partir da evolução biológica não se trata de uma graça que obtivemos em um

---

<sup>4</sup> Para o biólogo Richard Dawkins, o altruísmo pode se tratar de uma nova etapa do processo evolutivo do próprio caráter do egoísmo, que deixa de ser individual e se torna coletivo, atuando para um grupo. Dessa forma, a essência egoísta do gene se manifestaria de maneira mais sofisticada por meio do altruísmo, atuando para a conservação do grupo em que está inserido e garantindo maior estabilidade para a propagação de suas cópias.



suposto contato particular com a divindade. Somos submetidos ao mesmo sofrimento identificado como produzido pelo ambiente em outros organismos: estamos sujeitos à reprodução, à replicação de nossos genes, ao estabelecimento de uma prole, a respostas involuntárias a estímulos externos, à dor, ao “nascimento” e à “morte”, à curiosidade, ingênua ou crítica, como qualquer outro sistema biológico. Pelo viés materialista da investigação de nossa realidade, não há nada que acarreta sermos taxados como detentores de uma exclusividade mais elevada que a de um objeto que surge por um acidente, pelo acaso e espontaneidade característicos da natureza.

Os elementos da investigação e da curiosidade são parte da construção humana do processo científico. Nascidos e, inicialmente, estabelecidos como sujeitos ingênuos, somos capazes de nos desenvolvermos em sujeitos críticos, que seguem com rigidez determinado método científico a fim de investigarem e conhecerem a sua realidade, a sua natureza, a partir da curiosidade epistemológica (FREIRE, 2022). A cultura e o meio social em geral são os responsáveis pelo estabelecimento de uma ciência, mas as bases para esta construção, a indagação, o questionamento, a dúvida, já são intrínsecos à natureza humana desde o princípio do contato com o ambiente onde está alocada. Como desenvolvido anteriormente neste artigo, perguntas com respostas suficientemente satisfatórias são parte de um dos principais elementos que definem a estabilidade que a mente humana almeja intensamente desde o reconhecimento (consciente ou não) de sua própria existência, mesmo que, para Schopenhauer (SILVA, 2013), a ciência se apresente constantemente limitada pela capacidade (fisiológica ou não) dos seres humanos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rompimento com aquilo que foi adquirido resulta, primeiramente, na insegurança, na perda das bases sólidas idealizadas visando a tão almejada estabilidade. Romper gradualmente com a perspectiva responsável pelo desenvolvimento majoritário de uma sociedade inteira sequer soa como algo viável ou mesmo possível. Porém, deixando de lado a contribuição do pensamento idealista ou utópico, a superação do que é necessário ser superado tem se dado de forma constante, independente da vontade reacionária ou conservadora, dia após dia, como a premissa dos humanos como seres dialéticos tem nos revelado. Tudo tem apresentado um constante movimento, mudança, como se refletisse uma essência de dinâmica e fluidez que é intrínseca ao objeto.

[...] Nossa existência não tem fundamento para suportá-la que não seja o sempre fugaz e evanescente presente; o *movimento constante* é sua forma essencial, sem qualquer possibilidade do descanso ao qual ansiamos. [...] Neste mundo onde não há estabilidade de nenhum tipo – nenhum estado duradouro é possível, mas tudo está envolvido em rotação e mudança incansáveis, onde todos se apressam e se mantêm eretos na corda bamba, sempre avançando e se movendo. (SCHOPENHAUER, 1974, p. 283-284)

Como diria Dorothy: “Totó, tenho a impressão de que não estamos mais no Kansas”<sup>5</sup>. Independente de essa afirmação poder se apresentar como confortante, angustiante, que nos restringe ou que nos impulsiona, ou de qualquer outro caráter que possa se atribuir, tal hipótese tem sido um objeto materializado o suficiente para que o investiguemos, bem como se trata da projeção mais concreta do futuro como algo sujeito à problematização que de forma alguma é nem será de determinismo (FREIRE, 2022). Isso já basta.

Com a presente apresentação de ideias, concretiza-se uma das tentativas de impulsionar a discussão sobre perspectivas já tidas como equivocadas e a sua legitimação e permanência nas mais diversas esferas da sociedade que contribuem com a formação dos seres humanos. Há muito se tem identificado a necessidade pelo desenvolvimento do debate sobre o seletivo incentivo à manifestação e formação da cultura humana e no que implica a preferência pela conservação de discursos de determinadas naturezas, e sobre como a busca pela essência dos objetos parcialmente conhecidos deve ser o objetivo e o foco principal da ciência como ferramenta de investigação, assim como discussões que permeiam, tangenciam e se estabelecem a partir deste tema, como sempre deveria ter sido. Assim sendo, deposito meus votos de confiança na validade que o trabalho aqui apresentado terá para os próximos passos desta discussão, mesmo que, por se tratar de uma ciência, a prática aqui desenvolvida seja perfeitamente falseável, sujeita à rejeição a partir de formulação de novas hipóteses e teorias, como toda ciência deve ser. Ao leitor, sugiro apenas a reflexão sobre a possibilidade de compatibilidade (ou não) de suas ideias com as que aqui foram colocadas, a apresentação de sua posição contrária, afirmativa, ou de neutralidade (caso considere a ciência como uma atividade neutra a um determinado grau) sobre a discussão, e a imposição de colaborações para o enriquecimento e mantimento da continuidade do diálogo provocado. Esta imposição é válida também para mim, em um outro contexto de espaço e tempo, onde, possivelmente, há o diagnóstico do quão equivocada a posição que exibí neste trabalho pode ter sido. É disso que todos nós, seres dialéticos, necessitamos.

## 5 AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão primeiramente à Dra. Alice Copetti Dalmaso e aos demais nomes que se dispuseram a organizar o Dossiê “Ciências, diferença e educação: experimentações, possibilidades”, tendo proporcionado a oportunidade para compormos parte desta obra tão valiosa.

Agradeço, também, àqueles que, direta ou indiretamente, têm apoiado o que faço, mesmo que, por muitas vezes, possam não saber o que ou pelo que estou fazendo.

---

<sup>5</sup> No filme “O Mágico de Oz”, de 1939, a personagem Dorothy faz uso desta expressão ao se encontrar em um lugar desconhecido após ser carregada por um tornado que acometeu o local onde vivia, no Kansas. A expressão pode ser utilizada como um indicativo de que nos encontramos em uma situação nova, desconhecida até então, e que vai nos exigir continuidade no processo de adaptação e revisão de nossos conceitos.

Agradeço a formação gratuita e de qualidade que posso usufruir a partir das instituições públicas brasileiras de ensino e pesquisa.

Agradeço a essência humana que ainda disponho de poder indagar, fazer perguntas sobre o mundo ao meu entorno, sobre o meu ser e o meu contato com a realidade; essência de caráter análogo à interpretação do símbolo de Hermes Trismegisto que aqui foi apresentada brevemente.

Enfim, meus mais sinceros agradecimentos àquelas e àqueles que dedicaram e dedicam parte de suas vidas para o movimento da ciência e de nossa natureza a partir de suas inquietações e questionamentos. Nada disso seria possível se desconsiderássemos o que foi construído antes de mim.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ivy de Souza; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. Antropocentrismo, ecocentrismo e holismo: uma breve análise das escolas de pensamento ambiental. **Revista Derecho y Cambio Social**, Lima. v. 34, p. 1-11, 2013. Disponível em: [https://www.derechocambiosocial.com/revista034/escolas\\_de\\_pensamento\\_ambiental.pdf](https://www.derechocambiosocial.com/revista034/escolas_de_pensamento_ambiental.pdf)

BERNARD, John; LEWIS, Kenneth R. **Hierarquia cromossômica**: introdução à biologia dos cromossomos. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 72. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANEGRAAFF, Wouter Jacobus. **Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

LE PLONGEON, Augustus. **Queen Mío and the Egyptian sphinx**. New York: o autor, 1900.

MAUÉS, Ely; MALINE, Carla; SÁ, Eliane Ferreira de. O zoológico como questão sociocientífica: relato de uma experiência no curso de Pedagogia. **Revista Interdisciplinar Sulear**, [S. l.], n. 3, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4322>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MENESTRINA, Tatiana Comiotto; SAADE, Wesley; GELAMO, Mayara Reinert; LEONARDO, Pamela Paola. Análise piagetiana do desenvolvimento cognitivo: experiências com crianças do ensino fundamental. In: **Revista Dynamis**. FURB, Blumenau, v. 20, n. 1, p.54–73, 2014.

NEVES, Amanda; BÜNDCHEN, Márcia; LISBOA, Cassiano Pamplona. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação? **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 3, jul. 2019.

- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. São Paulo: Editora Forense, 1998.
- RAMOS, Danielle Marques dos; NASCIMENTO, Virgílio Gomes do. **A família como instituição moderna**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20 – n. 2, p. 461-472, jul./dez. 2008.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga and Paralipomena**. Tradução para o inglês de E.F.J. Payne. Oxford: Oxford University Press, 1974. (tradução do trecho para o português feita por Fernando Olszewski)
- SILVA, Gabriel Valladão. No limite da ciência: algumas considerações sobre a morfologia a partir da perspectiva da teoria da ciência de Schopenhauer. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 02–37, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/33960>. Acesso em: 14 mar. 2023.
- SILVA, Daniel Moreira da; RANGEL, Tauã Lima Verdan. Neoconstitucionalismo latino-americano e o fortalecimento do discurso ecocêntrico: a experiência equatoriana e boliviana de reconhecimento dos direitos da natureza (Pacha Mama e Madre Tierra). **Captura Críptica: direito, política, atualidade**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 199–225, 2017. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/3477>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 1º ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

*Submetido em: 18 de março de 2023.  
Aprovado em: 13 de junho de 2023.*